



DEBATES EM EDUCAÇÃO

Programa de
Pós-graduação
em Educação (PPGE)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS

ISSN Eletrônico 2175-6600

Vol. 12 | Número Especial | 2020

Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

rosanacarlagomes@gmail.com

Jucileia Obregon Pires



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

ju1980pires@gmail.com

Luci Carlos de Andrade



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

profa.lucicarlos@hotmail.com

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS POSSÍVEIS

RESUMO

O presente artigo é proveniente do curso denominado Questões em Torno do Ensino da Leitura e da Escrita na Escola, ministrado por Anne-Marie Chartier, vinculado ao projeto Currículo e avaliação, leitura e escrita: diálogos entre Brasil/França e Brasil/Portugal, aprovado pelo edital CAPES, Programa Escola de Altos Estudos. Aborda questões relativas ao ensino da leitura e da escrita na educação infantil. O objetivo foi compreender e valorizar a inserção da leitura e escrita na educação infantil, enquanto instrumento cultural e social, e ressaltar a importância da inovação do professor na de sala de aula. Os resultados alcançados foram positivos para a internacionalização dos programas de pós-graduação e atualização na prática pedagógica dos profissionais da educação infantil.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Educação infantil. Prática docente.

READING AND WRITING IN CHILDHOOD EDUCATION: POSSIBLE PATHS

ABSTRACT

This article comes from the course called Questions around the Teaching of Reading and Writing at School, taught by Anne-Marie Chartier, linked to the Curriculum and evaluation, reading and writing project: dialogues between Brazil / France and Brazil / Portugal, approved by CAPES, School of High Studies Program. It addresses issues related to teaching reading and writing in early childhood education. The objective was to understand and value the inclusion of reading and writing in early childhood education, as a cultural and social instrument, and to emphasize the importance of teacher innovation in the classroom. The results achieved were positive for the internationalization of graduate programs and updating the pedagogical practice of early childhood education professionals.

Keywords: Reading and Writing. Childhood education. Teaching practice.

Submetido em: 30/03/2020

Aceito em: 13/07/2020

Publicado em: 10/12/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp263-274>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

I INTRODUÇÃO

A aprendizagem da leitura e da escrita na educação infantil ultrapassa o enfoque funcional e estabelece pontes que permitem dialogar e estabelecer a prática pedagógica a partir do interesse do grupo de crianças, em detrimento dos padrões escolares rígidos e engessados. Iniciar o processo de leitura e escrita não significa colocar as crianças pequenas sentadas em cadeiras escolares para copiar letras ou preencher fichas de atividades sem sentido e estéreis.

Segundo Art. 3º das DCNEIS, O currículo da educação infantil é concebido como conjunto de práticas que visam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científica e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade.

A cultura e as vivências trazidas pelas crianças e constituídas das relações à sua volta, dão voz e enriquecem os discursos ao expressarem pensamentos singulares, leitura e interpretação de mundo, transportadas significativamente para a língua escrita. Nesse momento significados e ressignificações são construídos na reciprocidade do diálogo entre o grupo de crianças e as práticas pedagógicas do professor. No processo de retroalimentação é que a leitura e a escrita devem ser trabalhadas paulatinamente.

Conforme Chartier (2016) ensinar a ler é ir além de compreender as palavras ou frases, é engajar-se na compreensão daquilo que se lê [...] A leitura tem sua própria história, estando relacionado ao tempo, seu objetivo, a materialidade, as transformações tecnológicas, ao gesto físico e as práticas sociais.

Inegavelmente a aquisição da escrita como um processo de construção e reconstrução da linguagem e da leitura como processo contínuo, suas implicações na prática de ensino e de aprendizagem, vão além da codificação e decodificação de símbolos, é preciso estabelecer relações sociais, interpretar e transformar.

A criança está inserida na cultura, tem sua própria história, primordial na relação dela com o meio, e na constituição das suas referências. É a partir dos conceitos da cultura que a criança vai adquirindo e assimilando às primeiras perguntas, as curiosidades, as descobertas, nesse momento é importante responder e incentivar essas inquietações.

Segundo a BNCC, as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, devem contribuir para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além do mais, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.

As histórias contadas ou narradas pelas crianças, à produção e apresentação de seus desenhos, as tentativas de escrita do próprio nome, seja ele com apenas um traço ou um esboço de uma letra, precisa ser considerado e encorajado pelo professor.

A linguagem escrita e falada, assim como os bens culturais que a criança traz consigo, configura-se como ferramenta básica de expressão de ideias, sentimentos e imaginação. É indispensável que o trabalho seja contínuo e bem planejado, de modo a favorecer que as crianças apropriem-se, progressivamente, de vários gêneros e formas de expressão.

Nesta etapa da educação, o campo de experiência da fala, da escuta, pensamento e imaginação, considera que desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas, e que por essa razão, deve promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral e se constituindo ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Levando em consideração a proposta, a organização curricular da Educação Infantil consolidando os cinco campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações; e Escuta, fala, pensamento e imaginação, visto que as crianças, socializam, aprendem e vivenciam e por meio dessa interação, destacamos a notabilidade da inserção da leitura e escrita a partir daquilo que a criança traz de sua cultura e suas curiosidades.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Prática social e língua escrita no trabalho com as crianças

É notório o enorme desafio de formar crianças leitoras, que possam estar conectadas ao fato de ler e saber interpretar o que leem. Podemos reverter esse desafio em avanço pelo menos em alguma medida, a partir do momento que as experiências das crianças passam a ser consideradas como fato, como história e se transformem em ação contínua de experiência de leitura e escrita, em um modelo que se ajuste muito mais a prática social. Dessa forma, permite que as crianças possam apropriar-se dessas vivências associando assim, a prática social a efetiva ação da língua escrita.

Nesse panorama, fazer da escola um ambiente alfabetizador não é uma tarefa fácil, pois exigirá do professor conhecimento e também certos posicionamentos que ao serem efetuados irão determinar como essas crianças receberão e perceberão a inserção da leitura e escrita.

É certo que a escola e os professores muitas vezes cumprem um modelo de ensino ainda equivocado e não conectado com os novos tempos. Para Chartier (2002) "entre as inovações didáticas,

eles buscam em princípio aquelas que sejam capazes de entusiasmar as crianças e de combater o fracasso escolar”. Reverter esta visão e fazer com que este processo seja satisfatório é necessário ao professor atualizar suas proposituras e competências, e a escola como espaço oficial da educação sistematizada precisa compreender seu papel social e histórico na perspectiva da formação de cidadãos leitores.

As competências escolares se formam ao longo da história, o que não significa que elas mudam a cada ano letivo. É preciso compreender de que maneira elas afetam o ensino e entender até que ponto aquilo que orientava professores de uma geração continua útil ou não para a geração seguinte. (CHARTIER, 2016, p. 49).

Ao professor cabe o papel de trazer para o momento de leitura, diversos gêneros textuais, tais como textos jornalísticos, informativos, curiosidades, receitas, revistas, livros de ficção científica, poesias, revistas em quadrinhos e tantos outros:

É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita às crianças o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Comunicar práticas de leitura permite colocar as crianças no papel de “leitoras”, que podem relacionar a linguagem com os textos, os gêneros e os portadores sobre os quais eles se apresentam: livros, bilhetes, revistas, cartas, jornais etc. (BRASIL, 1998, p. 141).

Possibilitar as crianças o acesso a Internet que, em grande parte são consumidoras e convivem harmonicamente com a tecnologia, é especialmente importante, cuja extensão de suas possibilidades e diversificadas informações, provocam desconstrução de conceitos, e a construção de outros. Pois, para Chartier (2010), “Hoje, é evidente que as tecnologias digitais estão provocando transformações no processo de leitura e escrita”. Importa que ocorra a leitura autônoma, silenciosa, que permite pesquisar/trabalhar informações de todos os gêneros disponibilizados à criança, independente onde estejam armazenadas.

Sobre as oficinas práticas utilizando as várias linguagens lúdicas e ou artísticas, Chartier (2016) afirma que é importante para o desenvolvimento das crianças e, podem ser oferecidas com o objetivo de produção e interpretação de textos, leitura e escrita. A autora ressalta que os saberes da ação precisam ser compartilhados... “sem a prática, o educador não será eficiente em sala de aula”, que o saber científico o torna conhecedor, mas somente a prática é capaz de aprimorar a ação do professor.

É sempre trabalhando sobre exemplos concretos, sobre situações de sala de aula e estudos de caso que se pode fazer uma ligação entre as categorias da experiência profissional e os conceitos oriundos da pesquisa científica. Esta transferência de um mundo a outro, não é o resultado de uma transposição didática, para mim, mas, sim, de uma apropriação coletiva dos saberes. (CHARTIER, 2002, p. 15.).

Deste modo, o processo sobre o conhecimento da escrita vai se construindo através da prática discursiva na relação ensino/aprendizagem, uma vez que, a escola tem o papel social de ensinar de acordo com a forma convencional da escrita. “Ao participar de situações pedagógicas que promovam o discurso,

o diálogo, as indagações e os questionamentos, o sujeito pensa e reflete sobre sua escrita e aos poucos, desenvolve habilidades cognitivas” (SMOLKA, 2001, p. 84).

Os textos com imagens, figuras, ou as cantigas de roda, são importantes, que sejam feitos em conjunto para que todas as crianças possam construir significados, com a fala, com a escrita, com a organização do texto, com os gestos.

Transformar a leitura e a escrita em atividade lúdica é proporcionar às crianças alegria e divertimento desenvolvendo a criatividade e a competência intelectual. A leitura como a escrita deve priorizar o brincar, descobrir as palavras pela brincadeira, pelo prazer. As crianças encontram nas histórias, nos livros o sentido especial para a vida, o que contribui para a formação do seu imaginário. Nesta perspectiva, o importante é proporcionar espaços ricos para o incentivo à leitura.

É possível à inserção da leitura e escrita na infância, desde que venha como forma significativa e que priorize as peculiaridades das crianças, fortalecendo o planejamento do professor através das observações, das trocas de experiências entre professores e alunos evidenciando sempre os conhecimentos trazidos culturalmente e socialmente por cada criança, e que estas as utilizem cotidianamente, em prol da leitura e da escrita.

Não se pode desconsiderar as dificuldades no processo inicial da leitura e da escrita. A alfabetização entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico, é um processo deveras complexo. Por isso, Chartier (2002) defende o preparo do professor neste sentido. De trabalhar todo o seu conhecimento ao aplicar métodos com bases teóricas para auxiliar no processo de aquisição da leitura e da escrita de modo eficaz e tratar de modo integrado “o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema de escrita, ou da tecnologia da escrita”, conforme afirma Soares (2003).

A importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas. (SOARES, 2003, p. 16).

Ler e escrever não são atos automáticos, são processos educativos que precisam ter significado, portanto, é necessário levar em consideração todas as experiências que as crianças trazem de sua cultura para o meio escolar. Para tanto, o RCNEI enfatiza que “A oralidade, a leitura e a escrita devem ser trabalhadas de forma integrada e complementar, potencializando-se os diferentes aspectos que cada uma dessas linguagens solicita das crianças”. (BRASIL, 1998, p. 133).

O ato de ler e escrever interconectados carrega consigo, uma forma de interpretação do mundo, ler é identificar-se com os personagens e situações, é a possibilidade de novas descobertas, e ao mesmo

tempo descobrir novos mundos, trazer novas aprendizagens para a sua própria história, viajar pelo tempo e espaço sem sair do lugar, ser tocado de um jeito diferente por cada uma das histórias lidas e ouvidas, é brincar e aprender. É preciso despertar na criança o desejo de ler. Conforme pensa Chartier (2010, p. 01),

O desejo se constrói, se conduz, talvez. O que se pode dar é bons exemplos do encanto que a leitura pode causar nas pessoas. A sociabilidade da leitura atrai os pequenos. Com ela, as crianças aprendem a aceitar as diferenças ao notar que nem todos apreciam as mesmas coisas.

O professor com sua maestria ao privilegiar o trabalho dinâmico, as diversidades textuais e os gêneros literários oferecem caminhos para desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita na infância. É recomendável que ler e escrever tenha como objetivo a inserção do sujeito na cultura letrada, é possível traçar caminhos na educação infantil onde a criança deva e possa ter acesso à leitura e escrita de forma natural, alegre contagiante.

Quando nos perguntamos o que devo ensinar na educação infantil sobre leitura, conhecimento de mundo, conhecimento do eu, do outro, torna fácil responder, porém é necessário que o professor mude o foco da pergunta e veja a criança como centro da questão. Então, o professor deve se perguntar o que essa criança traz consigo de informação cultural, de saber para que eu, como mediador possa expandir esses conhecimentos de forma a trabalhar o avanço dessas informações.

Ao ter consciência dos reais objetivos com a leitura e escrita no trabalho com a criança, que possa propor maior interação com o ler e escrever cujas raízes plantadas no conhecimento cultural e social, possam ampliar a promoção e a participação de todas as crianças, sem exceção através das práticas e vivências, respeitando seus direitos por meio da interação e da brincadeira.

3 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E UM NOVO CENÁRIO PARA ALFABETIZAR

3.1 Saberes científicos e saberes práticos

Aos professores cabe a responsabilidade na busca e participação efetiva, em estudos, pesquisas e projetos para aprofundamento dos conhecimentos que elevem o nível do trabalho docente, isentando a profissão da superficialidade dos aspectos externos ao processo pedagógico e do desenvolvimento e socialização profissional. Aliando os saberes científicos ao trabalho prático e diálogo com outros profissionais de educação. (CHARTIER, 2009).

No campo da alfabetização, especialmente, a relação da teoria com a prática é imprescindível para a ação educativa. Chartier (2010, p. 1) defende que “o educador precisa saber relacionar a base teórica

ao seu dia a dia para ensinar bem e alcançar bons resultados escolares". No trabalho com a leitura e a escrita precisam romper com as práticas habituais e lançarem-se no que a referida autora chama de "pedagogia da inovação" (CHARTIER, 2002).

É preciso, portanto, ter uma formação prática. Fazer trabalhar toda uma turma, mobilizá-la, saber utilizar bem um livro, qualquer que seja, guardar na memória o desempenho de cada aluno para adaptar suas exigências, tudo isso requer muito mais tempo, mesmo que se possa ganhar com a convivência com professores experientes. Costuma-se considerar que uma boa formação "acadêmica" tornará os professores mais competentes. (CHARTIER, 2009, p. 5).

No entanto, para a autora, o ofício de alfabetização requer mais que isso. Exige uma formação profissional específica, em uma dinâmica feita de alternância entre o trabalho prático, discussão sobre o que se faz, o que se leu, o que as crianças souberam fazer ou não, mas sobretudo de interações com outros profissionais.

Por considerar que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático, de modo particular a alfabetização, em suas diferentes facetas, Soares (2003) reitera "a necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras".

Nesse sentido, o professor, por mais conhecimento que possua, precisa se inteirar cotidianamente de novos conhecimentos, de obter mais formações para que possa realizar o processo de alfabetização de forma divertida e gratificante. Buscando métodos e técnicas, aprimorando o seu saber na sua forma mais profunda, sabendo que o alfabetizador deve tornar a criança letrada de uma forma que esta consiga interagir e compreender o lugar em que está inserida.

Desse modo, os termos científicos ajudam a esclarecer ou mesmo redefinir os saberes empíricos dos professores. Os livros didáticos, os manuais do professor, as revistas pedagógicas e os estágios de formação permitem reter aqueles saberes que facilitam a vida profissional e as trocas entre os colegas, e não somente os termos que "estão na moda". É sempre trabalhando sobre exemplos concretos, sobre situações de sala de aula e estudos de caso que se pode fazer uma ligação entre as categorias da experiência profissional e os conceitos oriundos da pesquisa científica. Esta transferência de um mundo a outro, não é o resultado de uma transposição didática, para mim, mas, sim, de uma apropriação coletiva dos saberes. A cultura docente manterá aqueles saberes que são úteis e os demais permanecerão no mundo dos pesquisadores. (CHARTIER, 2010, p. 15).

O professor ao trabalhar na área da alfabetização, ao desenvolver atividades de leitura e de escrita deve identificar a realidade vivida de cada criança. Seus hábitos, costumes, seu ambiente familiar, buscando nesta aprendizagem os sentidos e significados do saber. A compreensão do professor neste processo deve estar centrada na afirmação de que a alfabetização extrapola a fronteira do simples domínio dos códigos escritos:

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles

crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “compreensão/expressão de significados do código escrito” (SOARES, 2003, p. 16).

Por isso, a ideia de que a alfabetização é um processo mais amplo. “Um processo de construção de conhecimento pelas crianças por meio de práticas que têm como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem e a participação nas diversas práticas sociais de escrita”. (BRASIL, 1998, p. 122). É na mediação do professor que aprendizagem se faz à medida que suas ações buscam familiarizar a criança com significações historicamente elaboradas na leitura de mundo.

4 METODOLOGIA

4.1 Programa escola de altos estudos Edital CAPES – EAE 14/2018 e o curso currículo e avaliação, leitura e escrita: diálogos entre Brasil/França e Brasil/Portugal

Para dar embasamento teórico ao estudo, optou-se pela pesquisa do tipo bibliográfica, que tem como objetivo a contribuição de informações e pesquisas baseadas em livros, livros de referências, artigos, trabalhos científicos, publicações periódicas, dicionários, enciclopédias, almanaque, entre outros, com a contribuição de diversos autores que já estudaram sobre o tema em questão. Conforme Trujillo (1974, p. 32), a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de levantamentos de toda bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação das suas informações” (grifo do autor).

Com as contribuições dadas pela pesquisa do tipo bibliográfica, é possível que o pesquisador possa definir ou resolver problemas já conhecidos ou explorar novas áreas, onde possam existir problemas que ainda não foram solucionados. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já produzidos, que são compostos principalmente de livros e artigos científicos, sendo que a maioria dos estudos exige trabalhos dessa natureza, como há pesquisas produzidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica oferece como principal vantagem ao pesquisador à cobertura de uma gama de fenômenos imensa, que ele não conseguiria se pesquisasse diretamente. Essa vantagem se torna fundamental quando o pesquisador necessita de dados dispersos, para solucionar o seu problema de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica foi a metodologia utilizada para a escrita do presente artigo, os textos utilizados aqui, foram trabalhados pelo curso Currículo e Avaliação, leitura e escrita: diálogos entre

Brasil/França, pela professora convidada Anne Marie Chartier, via internet. O curso foi vinculado à disciplina Infância, Conhecimento e Práticas Pedagógicas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campi de Campo Grande.

As aulas foram transmitidas em Francês com tradução simultânea ou consecutivas, o material de estudo foi enviado por e-mail para todos os 13 programas de pós-graduação em 7 estados das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, envolvidos no projeto para leitura prévia e, assim foi possível a apropriação dos textos e, deles a elaboração de questionamentos e discussões que foram respondidas pela preleitora em encontros semanais por vídeo aulas transmitidos pelo Youtube em tempo real. A escrita do artigo aconteceu como forma de avaliação dos resultados alcançados e das inquietações estabelecidas durante o processo desencadeado pelo curso.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A internacionalização prossegue sendo distinguida como uma das metas ascendentes no Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020, dentre as indicações do documento, recomenda-se o incentivo à presença de pesquisadores visitantes estrangeiros em projetos de pesquisas e atividades acadêmicas no Brasil e vice-versa.

O Projeto Escola de Altos Estudos, em sua concretude contribuiu para a constituição de intercâmbio dentre os professores dos Programas de Pós-Graduação PPGs participantes e as professoras convidadas, promovendo interação e parcerias proíficas de cooperação internacional, seja por meio da realização de seus doutorados sanduíche ou pós-doutorados no exterior, seja por meio de outras atividades acadêmico-científicas.

Os treze programas de pós-graduação, nas áreas de Educação, Ensino e Educação Física, de sete universidades situadas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, puderam vislumbrar, com a internacionalização promovida pelo projeto, a possibilidade de reduzir as assimetrias geográficas, tendo o Centro-Oeste, o Norte e o Nordeste, menor visibilidade acadêmica, menores índices de distribuição de bolsas, fomento e consolidação dos PPGs em extratos mais altos na avaliação da CAPES.

Considerando a importância das atividades acadêmico-científicas desenvolvidas durante o projeto, cujas discussões versaram sobre a educação básica e, os desafios multifacetados que a constituem, dentre eles a aquisição da leitura e da escrita, a ação desenvolvida vem ao encontro da necessidade de atender a urgência em destacar o espaço das pesquisas voltadas para a educação básica nos PPGs, recomendadas pela CAPES.

Por outro lado, as temáticas discutidas, encaminharam inúmeros questionamentos que resultaram em debates ricos, estudos aprofundados e produção de pesquisas bibliográficas que alicerçaram a

produção de artigos, dissertações e teses, que pretendem estabelecer diálogo e socializar resultados alavancados a partir das aulas, textos e vídeos produzidos no decorrer do Programa Escola de Altos Estudos EDITAL CAPES – EAE 14/2018 e o Curso Currículo e Avaliação, Leitura e Escrita: diálogos entre Brasil/França ministrado por Anne Marie Chartier.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como pressuposto que a alfabetização é um processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever, julga-se necessário que o professor ao ter consciência de seu papel neste processo tenha objetivos, conteúdos, atitudes e procedimentos coerentes e consistentes. Nesse processo, os alunos aprendem quando lhes é dada à oportunidade de pensar sobre a escrita e sua importância social, que vai além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita.

A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos, anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária. Envolve três importantes aspectos da linguagem: a fala, a escrita e a leitura e para se considerar um ser alfabetizado é necessário o domínio desses aspectos e sua plena utilização no ambiente social: escola e comunidade.

O professor de alfabetização para criar o gosto da leitura em seus educandos precisa trabalhar na perspectiva da inovação, rompendo com práticas habituais, para buscar métodos com base teórico-científica, aliadas a experiência profissional e um contínuo diálogo com seus pares. Partindo da premissa que desde as etapas iniciais da alfabetização, a principal preocupação do leitor deve ser a busca do significado (ou significados) daquilo que se lê.

É de suma importância a compreensão dos usos sociais da escrita, pela criação de situações de leitura funcional. Além disso, o gosto pela leitura é resultado do contato frequente com textos interessantes, de diferentes gêneros. Podemos entender que para alcançar estas premissas o educando em fase de alfabetização deve ter contato com textos orais e escritos variados, que representem situações de uso real e cumpram funções como: divertir, informar, anunciar, convencer, comunicar, persuadir, entre outros.

Tais textos podem ser epistolares, humorísticos, informativos, instrucionais, literários e publicitários previamente selecionados pelo professor, para sistematização dos aspectos estruturais da língua levando em conta que o texto consiste num processo de interlocução realizada através de um código estruturado com uma temática coerência, coesão e eficácia. A aprendizagem através de textos é altamente motivadora porque dá ao aluno impressão de que ele caminha rápido para chegar ao que interessa: a compreensão de uma mensagem.

A criança não deve ter a sua capacidade subestimada pela proposta de exercícios de prontidão, pois para aprender a ler e escrever a sua coordenação viso motora fina pode ser desenvolvida através de atividades inteligentes como desenhos livres. O educando deve ser desde o início de sua alfabetização instigado a refletir, tomar decisões para construir seu conhecimento. Toda e qualquer tentativa de produção da escrita pelo educando é considerada um avanço, um passo para a aquisição da leitura e da escrita.

No entanto o que devemos focar é que na educação infantil jamais o mediador deve impor a leitura, ele deve cativar a criança para que através das formas diversificadas, lúdicas e alegres a criança se torne cativada, querer cada vez mais buscar novas curiosidades na leitura encantada e progressivamente ela se tornará uma criança com gosto literário cada vez mais aguçado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998

CHARTIER, A. Marie. Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino. **Revista Brasileira de História da Educação**, 16(1[40]), 253 - 273 / 275, 2016.

CHARTIER, A. Marie. **Ensinar a ler e escrever, entre teoria e prática**. Palestra apresentada na V Semana da Educação, da Fundação Victor Civita. São Paulo, 20 de outubro de 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1635/palestra-de-anne-marie-chartier-na-semana-daeducacao-2010>.

CHARTIER, A. Marie. Oralidade, alfabetização e letramento. **Revista Pátio Educação Infantil**. Ano VI, n. 20, 2009.

CHARTIER, A. Marie. **A maestria docente entre saberes práticos e saberes teóricos**. Palestra proferida no Programa de Pós-graduação da UFPE, 2002.

CHARTIER, A. Marie. **Escola, culturas e saberes**. Conferência proferida na abertura do II Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado no período de 03 a 06 de novembro em Natal – RN. 2002.

GIL, Antonia Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a Alfabetização como processo discursivo** Ana Luiza Bustamante Smolka, 10. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas. MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

TRUJILLO FERRARI, Afonso. *Métodos da Ciência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes; PIRES, Jucileia Obregon; DE ANDRADE, Luci Carlos. Leitura e escrita na Educação Infantil: caminhos possíveis. *Debates em Educação*, Maceió, v. 12, p. 263-274, dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9879>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

American Psychological Association (APA)

Cintra, R., Pires, J., & de Andrade, L. (2020). Leitura e escrita na Educação Infantil: caminhos possíveis. *Debates em Educação*, 12(Esp), 263-274. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12nEsp263-274>